

SENSÍVEIS OLHARES PARA UM VIOLEIRO CANTADOR. MOVIMENTOS DE PESQUISA E DE EDUCAÇÃO PARA COMPREENDER A CIDADE

Andréa Borges de Medeiros – UFJF/PPGE

A História de uma cidade do interior de Minas Gerais, na ocasião da data comemorativa de seu aniversário, poderia ter sido abordada na escola como nos anos anteriores: pelo viés dos monumentos e dos lugares de referência histórica que em sua maioria estão localizados no centro da cidade. Entretanto, no ano de dois mil e dez, a experiência de conhecer a cidade perpassou outros caminhos uma vez que uma reportagem sobre alguns personagens da vida cotidiana adentrou a sala de aula pelos movimentos de uma pesquisa sobre a construção da Memória Social de um grupo de crianças da Educação Fundamental. Numa relação sensível, as crianças, a cidade e o seu entorno foram delineando os saberes e fazeres cotidianos e criando uma nova configuração entre Pesquisa e Prática Escolar.¹

À época, algumas crianças do grupo participavam de uma pesquisa sobre a construção da Memória Social de suas experiências escolares. Entre elas, estava Diego, um menino que tinha por “avô do coração” justamente Sr. Antônio, um entre outros que foram apresentados naquela reportagem de referência.²

Há muito radicado na cidade mineira tomada como referência neste texto, Antônio F. M., natural de Rio Espera (MG), tornou-se conhecido pelas modas de viola que liricamente fazia ressoar no Calçadão de uma rua de referência do centro da cidade. Hábil com as canções populares, principalmente aquelas oriundas das experiências com a religiosidade do Congado e da Folia de Reis, o violeiro adquirira o respeito e a admiração daqueles que, tocados pela poética de suas canções e pelo seu jeito matreiro de puxar os acordes trazendo para o gesto de dedilhar e cantar, a astúcia e a leveza do mineiro simples do interior das Gerais se sentiam apresentados com a sua musicalidade. Aos 71 anos o violeiro fora indicado para ser homenageado pela Câmara Municipal, que desde o ano de mil novecentos e noventa e nove oferecia uma honraria para aqueles que se destacam na valorização da cultura afro-brasileira e do povo negro. Entretanto, tal acontecimento não se efetivou para aquele senhor em vida, uma vez que, por um

¹ Trata-se do Jornal local, de circulação restrita, que trazia como reportagem de referência, na Sessão Cidade, o texto “Personagens do cenário cotidiano”, publicado em 31 de maio de 2010.

² A pesquisa em foco foi desenvolvida numa escola pública de periferia urbana, entre os anos de 2009 e 2011 e teve como sujeitos participantes um grupo de crianças da turma do quarto ano (4º) do Ensino Fundamental. Crianças que à época tinham oito (8) e/ou nove (9) anos de idade. Concluiu-se numa tese de doutorado defendida em 2011 num Programa de Pós-Graduação de uma Universidade Pública Federal de Minas Gerais.

golpe do destino, ele viera a falecer às vésperas do dia que receberia a homenagem, ou seja, no dia quatorze de novembro do ano de dois mil e doze³.

Por tudo que Antônio representava e potencializava na vida da cidade, podemos evocar uma referência que faz pensar em milhares de homens e mulheres que ocupam as ruas como palco da encenação de suas vidas. Tal como Walter Benjamin sensivelmente perscrutou na relação do homem comum com a cidade que se transforma, e que, ao se transformar, também transforma aqueles que nela se inserem, o nosso querido violeiro tinha a “chave da rua” e, por isto, “seu território eram as calçadas [...] o transeunte, seu herói. Ele podia abrir a porta mais escondida de sua casa, a porta que dá para a passagem secreta que, ladeada de casas, tem como teto os astros” (BENJAMIN, Walter, apud G.K. Chesterton, 2007, M 11,1 p 481).

A “chave da rua” é então uma espécie de senha que permite o *sensu de mistério* em relação à ocupação dos espaços, das fendas que podem se abrir e/ou fechar nas oportunidades de encontros e também de desencontros. Aquele que tem a “chave da rua” pode descobrir-se só no meio da multidão e ainda dizer a que veio, mantendo a sua individualidade: apenas observando, flanando e/ ou intervindo de alguma maneira, quer seja pela relação de trabalho e/ou de fruição com uma estética do cotidiano que se faz e desfaz na multiplicidade dos eventos humanos. Ele também pode se ocultar, *desaparecer no mundo exterior* mantendo-se à distância, pasmo diante da vida movente. Walter Benjamin qualificaria tal diferença no modo de viver a cidade distinguindo o primeiro tipo como o *flâneur* e o segundo como o *badoud* (BENJAMIN, 2007, p. 473).

Como um *flâneur*, aquele que entrega a sua alma ao desconhecido que passa e que sobrevive no espaço das fendas, daquilo que lhe indica as margens na configuração dos espaços da cidade e da conformidade para a “realização do antigo sonho humano do labirinto” (idem, p. 474) constitui-se na indecisão, no estado permanente da dúvida. Entretanto, as suas escolhas se potencializam no devir dos acontecimentos e por isto, não podem ser tomadas como pré-concebidas. Ainda que para Walter Benjamin a proximidade com o mercado esteja impregnada da lógica de pensar a figura do *flâneur* frente às transformações das grandes cidades no final do século XIX, a *flânerie* como ato de apreensão e representação da paisagem urbana, possibilita novas formas de experienciar e perceber a cidade e as relações que nela se dão.

³ Informações retiradas do Jornal Tribuna de Minas (COMPLETAR REFERÊNCIA)

Nesse sentido, como propor às crianças uma experiência com a dúvida na relação de aprender/ensinar sobre a cidade? Tal inquietação estivera presente toda vez que o tema da cidade se mostrava na vigência das práticas escolares, mas, até o encontro com aquele “avô do coração”, nenhum esforço havia sido feito para abordar a história da cidade pelo viés do cidadão ordinário, daquele que como um cavaleiro andante saboreia as suas escolhas sobre como apropriar-se da cidade e cria, sensivelmente, possibilidades de vivê-la.

Antônio, artista de rua, se comparado a um *flâneur*, vivia o “inebriante entrecruzamento da rua e da moradia” (BENJAMIN, 2007, p. 468). Como tal, deixava-se afetar pelas transformações dos espaços e, ao mesmo tempo, também os transformava com a sua música, com a sua maneira própria de ocupação: posicionava-se de pé, com a viola em punho, frente uma porta, um poste de luz, um canteiro de flores...; mantinha, num canto qualquer, os seus pertences acondicionados num saco de pano. O recipiente que colhia as remunerações que recebia pelas suas apresentações musicais ficava na linha dos seus olhos. Quando lá eram depositados algum dinheiro, entremeio aos tempos do compasso, podia-se ouvir expressões de agradecimento emolduradas pelo timbre rouco e grave de sua voz: “-Obrigado!”; “-Vá com Deus!”; “-Que Nossa Senhora te proteja!”

Vivendo a intensidade do tempo da espera, aquele violeiro aprendera transformar a necessidade em virtude. Subitamente perdera a única mulher que dizia ter amado. No parto ela se fora e levava consigo o único filho que gerara na constância de sua união com Antônio. Narrar aquele acontecimento parecia ser sempre um suplício para aquele velho homem. Seus olhos perdiam-se em lágrimas como se o tempo não se mostrasse em hiatos. O rastro da perda, como uma *aparição de uma proximidade*, deixava à mostra toda a sua dor. Nele, a Memória se conduzia na arte da lembrança. Em chagas o seu coração se abria.

Foi partilhando alguns fragmentos daquele acontecimento vivido no passado que Antônio narrou o seu encontro com a família de Diego. De maneira doce e terna ele contou sobre como ajudou a salvar a vida daquele menino. Prematuro, Diego chegara ao mundo frágil de possibilidades. Carecera de muitos cuidados. Durante semanas ficara protegido numa incubadora, apartado da presença de sua mãe e do convívio familiar.

Incumbido de levar ao hospital o leite que a mãe de Diego cuidadosamente aspergia e acondicionava num pequeno vidro, Antônio se afeiçoara ao menino e por

isto a alcunha de “avô do coração”. Nas conversas que travamos anteriormente a sua visita à escola, a história do nascimento de Diego e da relação com seus familiares voltou à baila muitas vezes. Quase sempre a narrativa da vida vivida tinha como desfecho uma afirmação contundente: “-*Esse menino eu ajudei a salvar!*”

Embaladas por aquele enredo, decidimos apresentar para as crianças como dispositivo de lembrança, a reportagem sobre os *Personagens do cenário cotidiano*. Ainda que aquela experiência perpassasse a esfera familiar, a decisão de incluir o jornal/ a reportagem na coleção de artefatos que sistematicamente eram apresentados às crianças como possibilidade de gerar lembranças, foi tomada como base metodológica assim como naquela pesquisa. Para além da proposta investigativa, aquele grupo se fortalecera enquanto comunidade narrativa nos movimentos de escuta e de acolhimento das lembranças partilhadas. Como tal, consolidou-se no afeto. A história do violeiro poderia não ser conhecida por todos os participantes, mas certamente todos tinham alguma referência da relação do Sr. Antônio com Diego, uma vez que eram testemunhas do encontro entre os dois ao fim do dia escolar. Juntos, avô e neto caminhavam lado a lado para casa.

Valemo-nos então das situações de pesquisa acreditando na acolhida daquela novidade.

Sobre ser violeiro nas ruas da cidade: a roda de conversa na sala de aula

Como já foi abordado anteriormente, estudar a cidade sempre implicou levar para a sala de aula alguns documentos oficiais que contam a História bem como imagens de figuras ilustres e monumentos, reconhecidos como *lugares de memória* que, na perspectiva de Pierre Nora (1993) são criados e recriados para gerar sentidos daquilo que o passado já se encarregou de encerrar. Tais lugares são capturados pela História e, por conseguinte, por aqueles que se elegem protetores dos portais que ligam o presente ao passado. Apoderar-se de *lugares de memória* instigando a glorificação do passado seria então uma estratégia de criação de laços de pertencimento. Entretanto, Nora também apontaria, para além da materialidade dos processos de arquivamento das experiências passadas em arquivos, monumentos e celebrações, a dimensão simbólica desses processos de criação, uma vez que eles assim se convertem pela imaginação que o investe de uma *aura simbólica*. Desse modo, artefatos culturais de diferentes envergaduras e/ou ações praticadas em grupo só poderiam fazer parte de tal

categorização uma vez que se tornassem parte de um ritual. Ele indicou então diferentes domínios nos processos de elaboração dos *lugares de memória* que podem se constituir “oferecidos a mais sensível experiência e, ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração” (NORA, 1993, p.21)

Contar a História da cidade privilegiando apenas os monumentos pode fazer reverberar perspectivas e práticas eivadas de sentido único, uma vez que não viabiliza o diálogo entre versões diferenciadas de acontecimentos e conhecimentos. Segundo Nora, no “vai-e-vem” da História para construir *lugares de memória* cria-se artificialmente “momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos” (idem p. 13). A expressão *vai-e-vem* apropriada por aquele autor para expor a ideia da operação histórica enquanto procedimento gerador de sentidos que se perpetuam no tempo, reverbera na ampliação daquele argumento. Uma imagem poética se sobressai naquele movimento de criação teórica de Pierre Nora: a do mar revirando as conchas da praia. Como o movimento da História para se apoderar dos *lugares de memória*, o mar revolve as conchas e fazendo isto gera transformações, sendo uma delas a sua própria retirada da memória viva. Na relação histórica, quando isto acontece, os lugares do cotidiano passam a não ser reconhecidos como “válidos para serem apresentados como lugares onde se possa perceber [...] as marcas do tempo e da atividade humana” (MIRANDA, 2012).

Jovens e velhos deixam de se interessar pelos lugares como passagens e tomam o passado como coisa outra, como um “mundo do qual estamos desligados para sempre” (NORA, 1993, p.19). Entretanto, devemos supor que lugares de vivências são lugares de sentidos, pois cada pessoa, de uma maneira muito própria estabelece relações com os lugares que habita. Quanta história se faz no cotidiano! Quantas relações temporais vão se sobrepondo criando camadas de sentidos!

Ao priorizar o patrimônio material dando enfoque a determinados lugares reconhecidos oficialmente como importantes para a história da cidade, as atividades iniciais propostas num projeto de trabalho específico, corroboraram, ainda que de maneira não intencional, para retirar da paisagem urbana a vida sensível construída nas relações do cotidiano.⁴

⁴ O referido projeto de classe foi elaborado e desenvolvido pela professora da turma do quarto ano da Educação Fundamental do sob o título: *O que a[nossa cidade] tem de melhor*. Ano 2010. Projeto de classe /ano de 2010/ Arquivo de práticas da escola. Mimeo.

O silêncio das crianças em relação aos seus modos e lugares de convivência, aos eventos vividos por elas na relação com a cidade e aos detalhes do cotidiano foi decisivo para refletirmos, junto com a professora e com a coordenadora da escola, sobre a necessidade de propor outros modos de olhar e apreender as experiências na e com a cidade. Foi naquele momento que a oportunidade de estar na escola com uma pesquisa em curso abriu possibilidades de estabelecer outras criações e outros movimentos de aprendizagens.

O norteou inicialmente aquele projeto foi a data comemorativa do aniversário da cidade. Ao se tratar dela a memória de seus fundadores, além de *lugares de memória* como museus, parques e o Passo da Prefeitura Municipal, foram enaltecidos. Tais referências permearam o ensino da história da cidade que estava sendo proposto. No entanto, para além do propósito de pesquisar com as crianças o “patrimônio material” com enfoque para os “monumentos históricos”, tinha sido registrado no projeto de classe um segundo propósito: buscar construir outro conceito de “sujeito histórico” envolvendo representantes das classes populares. O que, a nosso ver, era uma brecha importante para que outras formas de “viver a cidade, compreendê-la, pensá-la, ensiná-la, aprendê-la” pudessem vigorar para “desenvolver sensibilidades histórico-temporais e novas formas de leitura da cidade na sua forma material e simbólica; nos seus objetos tangíveis e intangíveis” (SIMAN, 2010, p.591). Tal perspectiva nos levaria a pensar e propor intervenções pautadas nas ações de protagonistas anônimos, que taticamente criam modos de viver. Ao fazer isto, eles permitem o enredamento de suas histórias singulares na história da cidade.

Retomando o viés daquele trabalho escolar abordaremos primeiramente o procedimento da apresentação de uma interessante e cuidadosa publicação sobre a cidade intitulada: “[...] A cidade em revista”. Em que pese a multiplicidade de produções envolvendo textos de diferentes lavras, a professora deu prioridade para os documentos que tratavam dos monumentos e lugares de referência histórica. Em seguida propôs uma conversa sobre as vivências que as crianças tinham em relação a eles.⁵

Observando a maneira como as crianças respondiam às instigações da professora, fomos nos dando conta de que a maioria delas desconhecia os lugares e monumentos apresentados, mas já tinham ouvido falar deles e/ou visto, em

⁵ “[...] *A Cidade em Revista*” é uma publicação da Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal com Projeto Gráfico de G. Ferrer, T. Dutra e J. Ramos.

determinados pontos da cidade, quase sempre relacionados ao trajeto do ônibus que as fazia transitar da periferia ao centro da cidade, algumas indicações transcritas em placas. As ruas do centro eram mais conhecidas como também o parque arborizado que leva o mesmo nome do fundador da cidade. As lembranças que depreendiam do parque se relacionavam às pombas que ocupavam uma grande área da praça, às árvores “gigantes” que haviam por lá e ao parquinho de madeira próprio para brincadeiras e traquinagens.

As crianças se mostraram ansiosas para desenhar os lugares e monumentos apresentados naquela revista. A maior parte delas optou por representar a Praça da Estação: os trens que cortavam a cidade lhes encantavam, ainda que nas imagens oficiais o foco estivesse centrado no grande relógio instalado na torre da Estação. Naquele movimento mais estético do que investigativo, elas passaram a se interessar pelos textos poéticos que acompanhavam cada imagem. Um painel de desenhos e textos sobre a cidade foi se desvelando e logo ele se estabeleceu como uma produção coletiva. Admirado por todos, ele fora exposto num mural da escola.

Achamos por bem abordar a reportagem trazida pelo jornal de circulação local. Contando com a participação e a adesão da professora, colocamos o jornal dentro da “mala de memórias” usada nos encontros da pesquisa e, numa roda de conversa, pudemos presenciar os acontecimentos em torno daquele artefato e participar dos desdobramentos que acabaram instigando a visita de Antônio à escola.⁶

A mala ao centro da roda gerou expectativas diferentes nas crianças. Algumas perguntavam se aquele encontro seria da pesquisa ou da aula, outras queriam abrir a mala rapidamente. Havia aquelas que tentavam adivinhar o que poderia estar guardado dentro daquela mala. A professora contribuiu para criar um clima de suspense dizendo que aquele dia era especial porque o que seria apresentado tinha a ver com alguém muito conhecido. Alguém finalmente abriu a mala sem pedir licença e rapidamente algumas crianças logo pegaram o jornal sem mesmo saber o que nele havia. Um tumulto teve início porque muitas se prontificaram a ler. Diego apontou para a imagem de Antônio que estava ao lado da manchete apresentada na parte superior da página e disse: “-Esse aqui é o meu avô!” Uma criança interveio e exclamou: “-Mas ele é preto

⁶ A mala como dispositivo para fazer veicular as lembranças das crianças tinha sido usada como procedimento de pesquisa. Achamos por bem apropriarmos daquele procedimento para criar uma possibilidade de apresentação do jornal como artefato cultural.

e você é branco!” Diego replicou: “- *É meu avô do coração!*” Outra criança tomou o jornal, observou a imagem bem de perto e disse: “- *Ele é um mendigo?*”

O desconforto por parte de Diego ficara estampado em seu rosto. A professora interveio sugerindo que o texto da reportagem fosse lido, mas nenhuma palavra proferiu no sentido de indicar que Antônio não era um mendigo. Ela pegou o jornal e estabeleceu critérios de leitura: primeiro propôs um diálogo sobre a página inicial e foi identificando as referências de composição da moldura tópica daquele portador: o nome do jornal, a data de circulação, a relação das manchetes com as imagens da primeira página, a indicação das sessões no interior do caderno etc. Em seguida abriu na página quatro (4), na Sessão Cidade, o título era o seguinte: “Personagens do cenário cotidiano”. Ela tomou o cuidado de antes de passar à leitura, perguntar ao Diego porque aquele senhor que aparecia no jornal era seu “avô do coração”. Ele então narrou para os colegas a história de seu nascimento. Procurou detalhar as miudezas daquele acontecimento como, por exemplo, o fato dele ter nascido muito pequeno e fraco e de ter sido “salvo” pela dedicação do Sr. Antônio que levava até ele, dias a fio, o leite materno colhido em casa. Os colegas lhe ouviram com atenção e ficaram curiosos para conhecer o pequeno cavaquinho que ele contara ter recebido de presente do Sr. Antônio Macário quando ainda era pequeno.

A professora deu início à leitura da reportagem que apresentava quatro personagens do cotidiano. A semelhança entre eles dizia a respeito à idade, quase todos tinham mais de sessenta e cinco anos; e ao lugar de atuação na cidade: o Calçadão da rua que levava o nome do fundador da cidade. Além de Antônio F. M., foram focalizados I. Q. do Nascimento, conhecido como “Cuca Fresca” e/ou “Protessol” pelo fato de dedicar-se à venda de um produto de proteção à cabeça, semelhante a uma sombrinha; E. N. Fernandes, vendedor de amendoins e M.P. Rodrigues, artesã e especialista em artigos de crochê. Famosa por expressar as suas opiniões sobre os acontecimentos e a vida da cidade em voz alta, fazendo-se ouvir por todos que por ela passavam.

As crianças partilharam as suas opiniões sobre aquelas pessoas. Em algum momento ou outro, elas haviam feito um contato com elas quando de um passeio no centro da cidade. Algumas se lembravam de ter comprado amendoim, outras de ouvir as músicas daquele violeiro e havia quem tivesse ouvido M.P. Rodrigues dar uma bronca num transeunte qualquer. Os chapéus do “Cuca-fresca” lhes pareciam

esquisitos, mas todos manifestaram o desejo de adquirir um deles. Deixaram transparecer que sabiam da existência daqueles personagens nas ruas da cidade.

A partir daquela conversa diferentes atividades foram propostas: organizar biografias daqueles personagens; escrever-lhes cartões de agradecimento pelo trabalho deles na cidade e pela alegria que levavam ao Calçadão; reescrever as suas histórias; descobrir outros personagens do cotidiano da cidade; criar poesias sobre a cidade etc. Foi então que a professora lançou a ideia de convidar o Sr. Antônio para uma visita na escola. Diego se encarregaria do convite. Ela, juntamente com as outras crianças, organizaria a recepção daquele “avô do coração” na escola, além das questões que lhe seriam apresentadas no formato de entrevista.

Durante muitos dias a turma se envolveu no planejamento e na preparação daquele encontro. Chegou o grande dia, lá estava Antônio, apumado, de camisa e casaca, levando consigo enormes sacos repletos de artefatos colhidos nas ruas a partir da sua experiência de violeiro pelas ruas da cidade. Mesmo anunciando que trouxera “lembranças da rua” para mostra, ele indicou várias vezes que “era para depois”. Ele disse que “Primeiro gostaria de ouvir as crianças” demonstrando zelo por elas. Depois cumpriria a agenda programada. Adentrou a sala de aula transpondo a porta que possibilitava um trânsito entre as expectativas das crianças e as suas próprias. Foi interessante observar como ele se ajustava abotoando o paletó e alisando a espessa barba branca. E como as crianças se agitavam demonstrando nervosismo. Antônio chegou à sala de aula acompanhado da família do Diego, inclusive do pai do menino, que até então não havia participado nenhuma atividade na escola. Uma vibração boa pairava no ar.

Ovacionado com “-*Viva Sr. Antônio!*” o violeiro entrou naquela classe. As crianças sentadas em roda aguardavam a sua vez de falar. A professora promoveu as apresentações e em seguida propôs a entrevista. Tratou de informar ao entrevistado que as crianças elaboraram as perguntas e que ele se sentisse à vontade para responder ou não. Antônio balançou a cabeça assertivamente e as perguntas lhe foram feitas por duas crianças escolhidas para aquela tarefa: Como o senhor veio morar nossa cidade? Por que escolheu esta cidade? Como conheceu a família do Diego e por que ele é seu neto do coração? Quem lhe ensinou a tocar violão? O senhor fala outras línguas? O senhor vive na rua ou tem uma casa? Como é ficar na rua tocando violão?

As respostas foram delineando a narratividade daquele encontro e, por vezes, a comparação entre tempos foi se tecendo: “- *antes era assim...; naquele tempo que eu*

era menino...; a cidade era diferente...; quando eu cheguei aqui nesta cidade não havia Calçadão, mas sim uma rua muito movimentada e por ela passavam muitos carros...”

Aos poucos ele afetou a todos com a sua experiência vivida envolta na delicadeza e nos gestos de partilha. Como alguém que sabe escutar as crianças e por isto conquista o direito de lhes falar, Antônio partilhou as suas histórias e as suas mais preciosas relíquias.

Sabedor da arte de narrar, própria dos homens sábios, ele nos presenteou com a sua Memória: abriu um dos sacos e tirou uma fotografia, depois outra, em seguida apresentou o seu “violão caveira”, aquele cuja sonoridade expandia de uma só corda. Ele achara o violão numa lata de lixo e o transformara numa peça originalíssima depois da reforma que lhe imputara pintando-lhe de branco e inscrevendo nele letras de música e orações. Deixou que as crianças pegassem aquele violão e apreciassem a arte lhe dera leveza. Dedilhando aquela única corda tocou e cantou uma linda canção. Palmas e gritos lhe acolheram. Da mesma forma ele trouxera ao conhecimento daquele público tão especial, o cavaquinho que presenteara Diego: pequenino, enfeitado com fitas coloridas. Nele o velho se inspirou para puxar outros fios narrativos: “- *Esse eu vi numa venda e logo pensei no menino. Estava velhinho, mas eu arrumei, olha como o som dele é bonito!*”

Àquela altura um garoto mostrava-se inquieto. Ele não parava sentado, falava ao ouvido da professora e tentava mostrar-lhe um papel. Várias vezes ele repetiu aquele comportamento, mas a professora, envolvida na coordenação daquele encontro, não pode lhe dar ouvidos. Foi então que ele procurou Diego e lhe disse o seguinte: “- *Pede pra tia trocar o meu desenho!*” Diego tentou lhe ajudar. Foi até a professora e pediu para pegar o pacote de desenhos que estava sobre a mesa. Desde então, o nosso foco recaiu sobre as ações e os movimentos dos dois pequenos, enquanto o restante da turma se dedicava a ouvir a história da “Maria Borracheira” que Antônio se esmerava em contar.

Os meninos então retiraram vários desenhos do pacote e examinaram um por um. Aproximamo-nos deles e pudemos testemunhar a sutileza daquele acontecimento: a única diferença entre os dois desenhos feitos pela mesma criança era uma moeda que insurgia jogada em direção à imagem de alguém que sentado ao chão, segurava um violão entre as mãos. Ao fundo, muitos prédios coloridos definiam a silhueta de uma cidade. No desenho que seria “trocado” as imagens eram as mesmas, como se uma xerocópia tivesse sido feita: os mesmo traços, o mesmo colorido, porém, sem a moeda

que aparecia sendo lançada no desenho anterior. Perguntamos sobre o motivo daquela troca e ouvimos o seguinte: “- *Eu achei que ele era mendigo, mas eu aprendi que ele é uma profissional da música!*”

Dizendo isto ele realizou a troca dos desenhos e não permitiu que o outro ficasse à mostra. Guardou-o imediatamente em seus pertences e retornou aliviado ao seu lugar na roda. A história da “Maria Borracheira” chegara ao fim e com ela, também aquele encontro que mobilizara tantos sentidos. A professora anunciou a entrega dos cartões de agradecimento ao visitante e do presente da turma que lhe seria oferecido: uma camisa branca de mangas compridas. Aquele senhor, calejado pelas marcas do tempo, visivelmente afetado por tantas manifestações de carinho, abriu seus braços fortes como se fosse capaz de envolver a todos naquela envergadura sagrada. Fechou os olhos, e com fervor, nos abençoou com a oração “Justiça Divina”. As crianças ficaram quietas, fecharam os olhos e receberam aquela oração com respeito e tranquilidade. Diego se pronunciou manifestando o seu desejo de ler em voz alta a carta que havia escrito para homenagear seu “avô do coração”. De pé, na presença de todos, ele dedicou-se a ler o texto que produzira:

Sr [...] eu gosto muito dessa pesquisa como gosto de você. Eu gosto muito da pesquisa porque nós estamos tendo a chance de pesquisar sobre a sua vida. A sua vida é importante para mim porque o senhor ajudou a minha mãe e o meu pai quando eu nasci. Eu gosto muito de você porque você sempre está me ajudando, quer me ensinar a tocar cavaquinho e também ajuda a cidade com a sua música maravilhosa. Eu sempre vou gostar de você.

Beijos, Diego.

-----, 24 de junho de 2010

A carta oferecida pelo menino de maneira tão espontânea fechou aquele ciclo de vivências. No entanto, deixou em aberto diferentes possibilidades interpretativas. Os recortes poderiam ser diversos, no entanto, priorizamos a experiência narrativa sobre o nascimento do Diego e, portanto, as relações de Memória, uma vez que naquele desdobramento das lembranças alguns elos afetivos se estabeleceram construindo a base para uma mudança de percepção em relação ao modo como um cidadão comum se apropria da cidade e constrói narrativas sobre ela. Melhor dizendo, nos instiga a pensar sobre como aquele violeiro deixou de ser visto como um “mendigo” e se transformou em “profissional da música” sem que nenhuma palavra tenha sido dita a esse respeito

por parte da professora, no sentido de corrigir aquela primeira impressão que deixara Diego incomodado frente os colegas.

Ao tomar a vida de Antônio como um paradigma para abordar o cotidiano da cidade, a relação entre Memória e vida foi levada a sério. Portanto, foram as memórias molhadas nas relações, no curso das passagens das pessoas pela vida que deram a tônica afetiva daquele movimento de partilha.

A Memória é inscrição de vestígios humanos e, por isto tem a sua dimensão conservadora. No entanto, ela também é descarte, faz-se no esquecimento e nas reapresentações do passado e se constitui no esforço da rememoração, do mesmo modo que no acaso das lembranças que brotam nos odores e sabores que nos invadem, nas sensações com as cores, com o frio e com o calor, com o silêncio e com os ruídos que nos afetam. Sobre isto podemos dizer que Memória é também o intempestivo da lembrança que nos invade, nos faz rir e chorar, nos forma ressentidos ou capazes de perdoar.

No caso, a Memória do nascimento do Diego organiza a relação familiar em torno de “ser avô do coração”. A partilha daquela relação e, portanto, da memória afetiva que valoriza e reconhece a solidariedade de Antônio, potencializa a aura do *homem santo*, daquele que cura pelas narrativas que evoca e pela dedicação ao outro que é capaz de demonstrar. Do *homem santo* que vive na rua, tocando viola e apresentando a sua arte; daquele que conta história, que sabe rezar e aconselhar. Alguém que saíra da invisibilidade da multidão e tornara-se parte da História da cidade. Sobre ela o velho Antônio tinha o que dizer: houve uma transformação, há muito tempo.

Justamente naquele Calçadão que lhe tornara conhecido e que pela sua arte e musicalidade, transbordava em humanidade, uma transformação ocorrera. Ao dar o seu testemunho sobre ela, Antônio apresentou para as crianças a cidade sob outro paradigma: aquele que dizia respeito a sua presença na cidade num tempo em que as crianças viveram. Pelo viés narrativo da lembrança que correu solta e fragmentada, pequenas informações foram se desprendendo e permitiram o deslocamento no tempo.

De certa forma podemos dizer que Antônio atuou como um *homem-memória*, tal como supôs Jaques Le Goff (1996) quando da sua análise sobre a aprendizagem pela dimensão narrativa da memória, já que ela não se expressaria *palavra-por-palavra*, pretensiosamente buscando exatidão, mas sim como uma “construção generativa” em que práticas como o canto, por exemplo, atribuíam “à memória mais liberdade e mais possibilidades criativas” (p. 430).

Outra reflexão que poderia contribuir para pensarmos as diferenças geracionais na compreensão sobre as mudanças temporais é aquele em que Jörn Rüsen (2009) discute os modos como a memória lida com o passado social e, sendo comunicativa, se transforma em memória coletiva. O autor chama atenção para o papel da memória comunicativa uma vez que ela, pela sua dimensão narrativa e simbólica, agrega as pessoas e permite relações de pertencimento em um mundo de transformações. Nesse sentido, trazer para uma determinada comunidade narrativa um relato sobre o passado, envolvendo um aspecto da paisagem urbana que não mais se confirma como foi o caso da transformação de uma rua onde a prioridade de trânsito era dos carros em detrimento das pessoas, interfere na maneira como as percepções sobre a cidade se constituíram: como um bordado em que os riscos dos tempos pretéritos se fizeram presentes nos tempos presentes. Seria possível que no futuro outros riscos delineassem outros bordados?

Entre riscos e bordados que se renovam, à moda de um *palimpsesto*, uma cidade se dá a ler. Tal movimento de leitura torna importante a diferença geracional que, se potencializada pelo diálogo, pode criar um devir histórico a indicar que as transformações no espaço público acontecem movidas por sujeitos que fazem escolhas; que tomam decisões em relação ao uso que as pessoas podem fazer dele.

Assim considerando, uma exclamação proferida por uma criança após ouvir o relato de Antônio sobre uma época em que não havia Calçadão torna-se reveladora naquilo que tangencia a percepção daquela transformação. Ela havia dito: “-*Eu prefiro hoje, porque posso correr no Calçadão!*”

Nesse sentido pessoas e lugares coincidem, assim como liricamente José Saramago inscrevera: “o lugar estava ali, a pessoa apareceu, depois a pessoa partiu, o lugar continuou, o lugar tinha feito a pessoa, a pessoa havia transformado o lugar” (2009). Na coincidência do violeiro com aquele lugar que fazia repercutir em sua alma um sentido de pertencimento, aquela criança pudera manifestar a sua preferência pela liberdade que o movimento de correr lhe proporcionaria. Aquela experiência corporal, imaginada ou vivida, lhe dera a chance de “preferir o hoje”, ainda que ela não tivesse vivido no tempo em que os carros ocupavam o espaço daquela rua.

Aquela afirmação passou por nós rapidamente, sem que nenhuma intervenção fosse possível. Mas ressoou como uma preciosidade para podermos pensar no vínculo da Memória com o conhecimento histórico numa experiência narrativa. Havia naquele contexto de prática escolar uma situação de ensino/aprendizagem em que a valorização

das histórias de vida das pessoas absolutamente singulares estava em evidência. Até então propor qualquer desdobramento pedagógico em relação aos processos de transformação da cidade sequer havia sido pensado, no entanto, a força das narrativas do vivido se fez presente tornando possível uma pequena rede de relações entre a história da cidade e as histórias das pessoas.

Pareceu-nos primoroso pensar na dimensão pública do tempo histórico. Só recuperando tal dimensão nos foi possível compreender como uma criança tão pequena, no vigor de sua meninice, foi capaz de ressignificar a imagem daquele violeiro que antes lhe parecera um “mendigo”, certamente associando aquele tipo à mendicância e ao passo de andarilhos da vadiagem como talvez tenha aprendido por experiências outras, e reconhecê-lo como um “profissional da música”. Miguel era o seu nome.

Certamente aquele menino não podia supor que um poeta tiraria partido do uso que os andarilhos faziam da *ignorância* e nem mesmo o quanto “eles sabiam tudo sobre o nada para construir poesia. Ele ainda acrescentara que os andarilhos “multiplicavam o nada por zero _ o que lhes dava uma linguagem de chão. Para nunca saber onde chegavam. E para chegar sempre de surpresa” (BARROS, 2006. I). Miguel era capaz de *aprendimentos* “de conhecer todos os pássaros do mundo pelo coração de seus cantos [...] por vezes de alcançar o sotaque das origens” (idem. XIV).

Talvez um dia lhe seja revelado que andarilhos, crianças e poetas têm em comum o mundo sensível das palavras e das coisas. Talvez um dia ele se lembre de que Antônio F. M.o, garimpeiro de Memórias e “avô do coração” de seu colega Diego, foi um passante nas ruas da cidade. Como “profissional da música”, atuou como protagonista na construção daquela História.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Passagens. Belo Horizonte: Editora UFMG, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

BARROS, Manoel. Aprendimentos. XIV. In: BARROS, Manoel. Memórias Inventadas. A Segunda Infância. São Paulo: Editora do Brasil, 2006.

BARROS, Manoel. Fontes. I. In: BARROS, Manoel. Memórias Inventadas. A Terceira Infância. São Paulo: Editora do Brasil, 2006.

JEDLOWSKY, Paolo. Memória, temas e problemas da sociologia de Memória no século XX. Proposições . Vol 14. N.1 (40). Jan-abril de 2003. P.217-234.

Jornal[-----]. 31 de maio de 2010

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas, SP: UNICAMP, 1996. P. 423-477.

MIRANDA, Sonia Regina. Formação de Professores e Ensino de História em limiares de Memórias, Saberes e Sensibilidades. Conferência proferida no VIII Encontro nacional Perspectivas do Ensino de História. III Encontro Internacional de Ensino de História. 02 a 05 de julho de 2012. Campinas, SP, Brasil.2012

NORA, Pierre. Entre Memória e História, a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo (10), Dez. 1993. P.5-28.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. História da Historiografia. Nº2. Março, 2009.

SARAMAGO, José. Palavras para uma cidade. In: O Caderno. São Paulo:: Companhia das Letras, 2009.

SIMAN, Lana Mara de Castro. Entre o asfalto e a terra: a fecundidade educativa do cotidiano poético da cidade. In: SANTOS, Lucíola L. de Castro. Convergências e Tensões no campo da formação e do trabalho docente. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. Coleção Didática e Prática de Ensino.